

**A Tribuna - Como avalia a crise nacional do PT?**

**Paulo Hartung** - É uma situação gravíssima. Eu nunca vivenciei uma crise de tal proporção. Ela produz uma indignação generalizada porque é "mensalão", mala pra lá, mala pra cá...

O cidadão sabe o que que é isso. Isso é dinheiro público, dinheiro sagrado que vem da arrecadação dos tributos.

**- A crise tem controle?**

- Não. Essa história de administrar a crise, controlar a crise, eu não vejo nenhum espaço para isso, sinceramente. E as conseqüências são difíceis de serem medidas no presente. Do ponto de vista da imagem do País, essa crise é muito ruim.

Eu fui à Finlândia, Suécia, Noruega. Estive na Itália, nessa missão comercial. Vi um clima muito favorável ao Brasil após a transição de um "príncipe das academias" e a chegada do maior líder dos movimentos sociais que este País já produziu.

Um governo que começou cuidando bem da economia, tirou o País daquele risco inflacionário, daquele risco cambial. Então, toda essa atmosfera internacional favorável, nós estamos na iminência de perder.

Agora, volto a dizer que as conseqüências não são possíveis de ser mensuradas. Nem por cientista político, nem pelos políticos. A essa altura, os fatos estão se sucedendo a uma velocidade tão grande que você acorda com umas notícias e dorme com outras. Cada uma pior do que a outra, cada uma mais grave do que a outra.

Porém, numa coisa eu acho que a gente pode confiar: nas instituições. E eu torço para que as instituições não parem de funcionar, ou seja, para que a gente não tenha crise institucional.

Que a gente faça todo o processo de investigação, de punição, de melhoria institucional do País para que esses fatos não voltem a se repetir lá na frente. É importante que as instituições funcionem para que isso não contamine a economia.

**- O senhor vinha lado a lado no apoio ao governo Lula. Essa postura vai continuar?**

- Eu sou parceiro do governo federal e vou continuar sendo em tudo aquilo que puder ajudar o Brasil e puder potencializar o que nós estamos fazendo aqui.

No caso da obra do aeroporto, tinha 15 anos que se falava nisso. Agora, nós temos uma obra lá concreta. É muito bom, essa parceria está sendo muito importante.

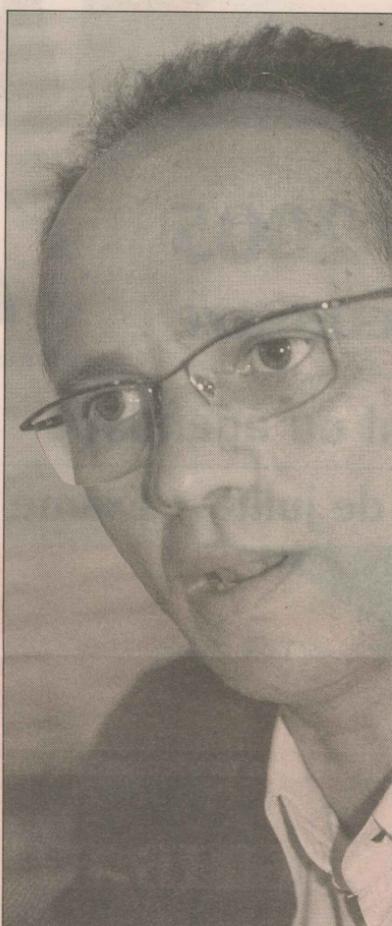
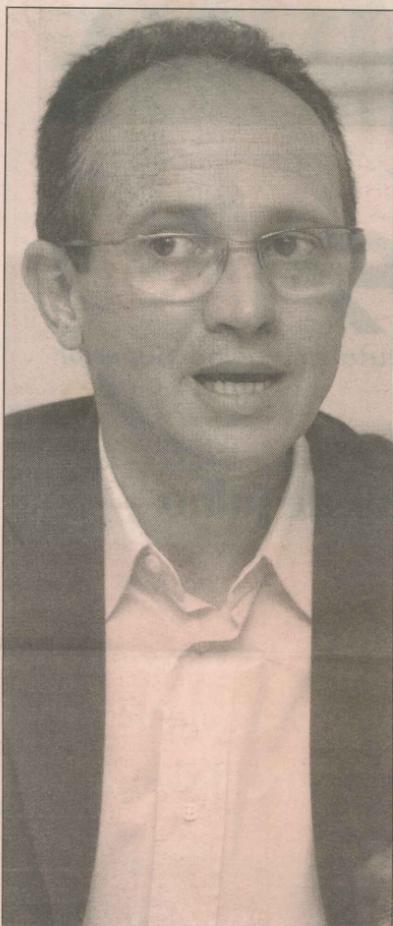
É bom porque temos o linhão Ouro Preto/Vitória. Desde quando se falava nesse linhão? Há muitos anos. Veio o apagão e todo mundo falou no linhão que estava vindo.

Eu tomei posse e esse projeto estava na gaveta. Hoje, nós temos uma ligação que estabiliza o fornecimento de energia no Estado. Então, eu posso citar esses dois exemplos, mas poderia citar outros.

Junto com o governo federal, por exemplo, eu estou co-

# Crise no PT não afeta parceria, diz Hartung

**“É uma situação gravíssima. Eu nunca vivenciei uma crise de tal proporção. Eu sou parceiro do governo federal e vou continuar sendo em tudo aquilo que puder ajudar o Brasil e puder potencializar o que fazemos aqui”**



## Prioridade no combate ao crime

O governador Paulo Hartung destacou as medidas tomadas pelo governo para combater o crime organizado no Estado, que anteciparam o que está sendo apurado hoje pela CPI dos Bingos, e fez um alerta: "A onça emagreceu, mas não está morta".

De acordo com Hartung, o estado está no rumo certo quando o assunto é coibir o avanço deste tipo de crime.

"No início do governo, proi-

bimos a importação de máquinas caça-níqueis pelo sistema Fundap. Depois, por meio do deputado César Colnago, que era o meu líder na Assembléia, aprovamos o fim da Loteres. Enfim, nos antecipamos, às investigações que estão em curso hoje em Brasília", afirmou o governador.

E acrescentou: "Já fizemos muito nessa área, acumulamos vitórias importantíssimas, inclusive hoje, que serve de

exemplo para o Brasil. Mas volto a dizer que essa onça emagreceu, mas não está morta".

Hartung destacou, ainda, que todas as vitórias do seu governo só foram possíveis graças a uma forte articulação entre a OAB, o Ministério Público, as polícias, as igrejas e os movimentos sociais organizados.

"Nossa determinação é limpar o Estado do crime organizado, da corrupção", concluiu o governador.

o bem do Brasil e pela inserção do Espírito Santo.

**- Já são dois anos e meio de governo. Que avaliação o senhor faz da sua administração?**

- Faço uma avaliação positiva porque o que eu planejei fazer em quatro anos, nós fizemos em dois anos e pouco. Nem eu com todo esse otimismo jucelinista imaginava que fosse possível fazer.

O saldo é muito positivo. Quando eu comecei o governo, eu achava que se eu pagasse as contas atrasadas, co-

locasse as finanças em dia, seria uma grande obra para passar para o meu sucessor.

Para ele poder qualificar os serviços públicos, expandir a oferta de serviços públicos. Isso nós estamos fazendo agora. Nós já vencemos uma etapa de ajuste financeiro, equilíbrio financeiro e já estamos trabalhando na qualificação e na expansão do serviço que nós prestamos em todas as áreas.

Isso é fruto da nossa coesão, da nossa união, desse frentão que nós montamos que junta político, partido, igrejas,

OAB, instituições públicas como Ministério Público, como Assembléia Legislativa, Poder Judiciário, que nos permitiram evoluir de uma forma extraordinária.

Mas tem muita coisa para fazer. O governador é um homem com o pé no chão e sabe que o que se fez é importante, mas as tarefas pela frente são todas elas importantes e desafiadoras.

**- Como ex-líder estudantil, como analisa esse movimento dos estudantes contra o aumento da passagem?**

- Também como cidadão, como liderança política, eu acho extraordinário que a juventude capixaba se organize novamente em movimentos de protesto, de reivindicação, isso é muito bom.

É uma coisa muito saudável para a sociedade ter a sua juventude com posicionamento, debatendo, criticando, avaliando decisões que o governo toma.

Nós tivemos um erro da Polícia Militar, uma precipitação no primeiro movimento que os estudantes fizeram. Foram praticados excessos que serão investigados e serão punidos pela Polícia Militar.

Também a PM e o governo do Estado vão estabelecer regras mais claras no sentido do uso de forças públicas, quer dizer não tinha nenhuma necessidade do Batalhão de Missões Especiais na avenida Fernando Ferrari.

Muito menos necessidade de chamar radiopatrulha de Vila Velha para ir para lá no momento que já estava calmo, tranquilo. E, sobretudo, tentar invadir a universidade, que é proibido por lei.

O episódio vai servir para o governo se aperfeiçoar cada vez mais, treinar as suas forças para conviver com tranquilidade e com civilidade com os movimentos da sociedade, seja ele de juventude, de trabalhadores, de sem-teto, de sem-terra e assim por diante.

Quando nós soubemos que os estudantes iam para o Palácio da Fonte Grande, eu mandei mudar a guarda, colocar policiais femininas desarmadas e mandei acolhê-los.

E eles entraram no palácio e fizeram o refrão: "O palácio é nosso". Eu me emocionei com aquilo porque isso é um movimento republicano. O palácio realmente pertence à população, ao cidadão, não aos governantes que temporariamente estão ali representados pelo voto.

Eu acho que aquela fotografia fortalece os laços, as raízes democráticas do Estado do Espírito Santo.

É extraordinário que num governo de um homem que nasceu na militância estudantil possa começar a ressurgir um movimento de juventude no Estado, protestando, defendendo causas, idéias, criticando o nosso governo e assim por diante.

Isso é da vida democrática. Isso é muito mais importante do que ver os jovens sem perspectivas, sem caminho, muitas vezes nos descaminhos das drogas. Vê-los lá na política, nas assembleias, foi assim que eu me formei.